

23/09/2021 09:23:00 - AGRO NEWS

ARTIGO/RODRIGO LIMA: A CÚPULA DOS SISTEMAS ALIMENTARES E O BRASIL



No dia 23 de setembro ocorre a Cúpula dos Sistemas Alimentares, durante a Semana de Alto Nível da Assembleia Geral das Nações Unidas. A cúpula foi conclamada pelo secretário-geral, António Guterres, com vistas a debater quais transformações são necessárias para alcançar a segurança alimentar e nutricional global.

O relatório "O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo 2021", da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), aponta que, entre 720 milhões e 811 milhões de pessoas no mundo enfrentaram fome em 2020. Quase 2,37 bilhões de pessoas não tiveram acesso à alimentação adequada, um aumento de 320 milhões de pessoas em apenas um ano.

Esses números são avassaladores e exigem ações contundentes diante do fato de que a população global atingirá 8,6 bilhões em 2030 e 9,7 bilhões de pessoas em 2050.

Qual é o papel do Brasil diante desse cenário? Como um país que deixou de ser um importador líquido de alimentos apenas nos anos 1980 e passou a ser o segundo maior exportador mundial pode contribuir cada vez mais para a segurança alimentar global? Em contrapartida, de que forma lidar com impactos da pandemia, que acentuaram a fome extrema, que alcança ao menos 19 milhões de pessoas e cerca de 116,8 milhões com algum nível de insegurança alimentar no País?

As discussões na cúpula se baseiam em cinco eixos temáticos: 1) Assegurar acesso a alimentos seguros e nutritivos a todos; 2) Mudar para padrões de consumo sustentáveis; 3) Impulsionar a produção "positiva com a natureza"; 4) Promover meios de subsistência equitativos; 5) Construir resiliência a vulnerabilidades, choques e estresses.

Os eixos temáticos sugerem pensar sobre vários elementos que integram o complexo sistema alimentar, como: a produção de sementes, mudas e insumos; a produção agrícola e seus vários sistemas produtivos; assistência técnica; acesso a crédito e subsídios; níveis de desenvolvimento tecnológico; sistemas de defesa sanitária; acesso básico a alimentação; níveis de desenvolvimento socioeconômico; educação alimentar; redução de perda e desperdício; logística; cadeia de frio e comércio, dentre outros.

O documento "Brazil National Pathways to Sustainable Food Systems" propõe nove caminhos para aprimorar os sistemas alimentares, partindo-se dos desafios brasileiros. É válido analisar alguns deles para refletir sobre o papel do Brasil nessa agenda.

1) Pesquisa e inovação científica contínua e inclusiva para promover e aprimorar sistemas alimentares.

A inovação em todos os elos de um sistema alimentar é fundamental para assegurar a disponibilidade de alimentos seguros e saudáveis e permitir ganhos de produtividade e reduzir impactos de solo, água e clima. Ela é necessária para fortalecer a segurança dos alimentos, pautada em rígidos padrões internacionais. Também é importante para otimizar rotas logísticas, dentre outros aspectos;

2) Desenvolvimento de sistemas alimentares adaptados às circunstâncias locais que estimulem a redução de emissões de gases de efeito estufa e promovam a agricultura resiliente;

3) Integração entre agricultura e mudanças do clima é marcante diante dos efeitos de aumento de temperatura, secas, redução das chuvas, incidência de pragas e degradação dos solos. O Plano Setorial para Adaptação à Mudança do Clima e Baixa Emissão de Carbono na Agropecuária, com vistas ao Desenvolvimento Sustentável (ABC+), que deve ser aprovado pelo Ministério da Agricultura em outubro, definirá as bases estratégicas que permitirão aprimorar os sistemas alimentares em um cenário de impactos climáticos;

3) Impulsionar a geração e o uso de energia renovável nos sistemas alimentares.

Somente a cana-de-açúcar representa 19% da matriz energética brasileira. O etanol de milho, o biodiesel de soja, sebo e outras fontes, bem como o biogás à base de vários resíduos agrícolas, integram e complementam a produção de alimentos. Sem energia, não é possível produção, acesso e utilização de alimentos de forma adequada. Assim, sem energias renováveis, não há que se falar em sistemas alimentares inovadores;

4) Apoiar pequenos produtores e a agricultura familiar para promover meios de subsistência sustentáveis e a diversificação de alimentos. Há uma tremenda oportunidade para tornar a agricultura de pequena escala um celeiro de alimentos diversificados e de valor agregado. Além de levar comida para mais pessoas, em todas as regiões do País, de forma mais rápida, isso gera inclusão social, empregos, renda e permite aumentar a disponibilidade e o acesso a vários alimentos;

5) Garantir alimentos seguros, saudáveis e nutritivos para todos. Acabar com a fome agravada pela pandemia exige aprimorar ações que assegurem acesso a alimentos seguros e saudáveis para populações vulneráveis, migrantes, pessoas de baixa renda e para as escolas. Sem alimentação não é factível erradicar a pobreza, melhorar as condições de saúde e bem-estar, gerar empregos, construir cidades sustentáveis e aprofundar a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que norteiam a agenda dos sistemas alimentares.

Promover dietas saudáveis e nutritivas, reduzir o desperdício de alimentos e a perda no sistema alimentar e assegurar o livre comércio como condição essencial para permitir disponibilidade e acesso de alimentos são outros caminhos propostos pelo Brasil.

A Cúpula encontra o desafio de criar soluções que permitam, de maneira efetiva, tornar a segurança alimentar e nutricional de todas as pessoas uma realidade. É uma oportunidade histórica de unir esforços, competências e recursos para encontrar soluções tangíveis que poderão ser alcançadas por todos os países, considerando diferenças sociais e econômicas. O Brasil, como um grande produtor de alimentos, tem muito o que contribuir com esse esforço para acabar com a fome e a desnutrição, e impulsionar a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Rodrigo Lima é sócio-diretor da Agroicone. Advogado, doutor em Direito das Relações Econômicas Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), possui 17 anos de experiência em comércio internacional, meio ambiente e desenvolvimento sustentável no setor agropecuário e de energias renováveis.

**Este artigo tem co-autoria de Fernanda Kesrouani Lemos, doutora em Administração de Empresas pela FEA-USP*